

Para pensar a cultura na periferia do capitalismo

Paula Kropf *

Resumo

O presente texto procura discutir relações entre cultura e forma social. Para tal percurso, buscamos abordar a seguinte questão: a cultura, como prática social - tomando a compreensão do marxista britânico Raymond Williams - pode ser configurada como um elemento anti-barbárie na periferia do capitalismo, conforme debate Schwarz (1999). A compreensão das relações sociais, aqui, se encontra angulada pela tonalidade destrutiva inerente à lógica capitalista, que caminha em direção a um estado de regressão acentuado sem precedentes. Trata-se de um sistema centrado na produção de mercadorias que contém a sua dissolução por meio da violência. É possível o cultivo das potencialidades humanas quando estamos amalgamados e movidos por algo – a valorização do valor – que é contraditória às tendências de emancipação?

Palavras-chave: cultura; capitalismo; formação social brasileira; crise.

Thinking culture on the periphery of capitalism

Abstract

The present text tries to discuss relations between culture and social form. To this end, we seek to address the following question: culture as a social practice - taking the understanding of the British Marxist Raymond Williams - can be configured as an anti-barbaric element on the periphery of capitalism, as discussed by Schwarz (1999). The understanding of social relations here is angulated by the destructive tonality inherent in capitalist logic, which is moving towards a state of unprecedented regression. It is a system centered on the production of goods containing its dissolution through violence. Is it possible to cultivate human potential when we are amalgamated and moved by something - the valorization of value - that is contradictory to the tendencies of emancipation?

Keywords: culture; capitalism; Brazilian social formation; crisis.

Recebido em: 10/01/2018
Aprovado em: 12/05/2018

Introdução

E se o sol não aparecesse amanhã? Menegat, no prefácio do último livro de Paulo Arantes, *O novo tempo do mundo* (2014), faz alusão à Hume, e ao modo de construção de sua estrutura argumentativa, para metaforicamente falar sobre os tempos atuais. A certeza de que o sol aparecerá todos os dias, porque assim tem se constituído até então, não nos coloca em dúvida sobre seu possível não aparecimento. A certeza, que é construída, dentre outros fatores, sobretudo por uma linearidade de repetição dos acontecimentos, os torna, ao nosso ver, previsíveis. Pelo fato do sol aparecer todos os dias não se questiona sobre como será o próximo dia.

Assim poderíamos estender nosso olhar para nossa atitude diante do modo de vida ao qual estamos submetidos. Por tempos, o processo fundador das relações sociais no capitalismo, a produção de valor, foi tomado com certa previsibilidade. Seus períodos recessivos, outrora carregavam a crença de que não mais eram do que fases, precedentes aos novos ciclos expansivos. Entretanto, como vimos, as condições atuais põem em xeque boa parte de tais convicções. O horizonte de previsibilidade começa a dar lugar a uma paisagem cuja intensidade do brilho dos raios entibia.

Com o aprofundamento da autocontradição original da lógica capitalista, que expulsa progressivamente força de trabalho humano do processo produtivo - fonte absoluta de criação de valor – e, com isto, ao reduzir a capacidade deste se valorizar, encaminha esta sociedade para novos contornos estruturais que jogam as certezas abismo abaixo. Qualquer afirmação sobre a persistência de potencialidade de expansão do capitalismo é qualquer outra coisa, menos real. O quadro de colapso em curso requer revisitar as categorias teóricas que fundamentam o entendimento sobre um tempo histórico.

A cultura como modo de vida está em diálogo com todas as outras categorias, e estas reunidas implicam pensar sobre os elementos que constituem a formação de um povo. Certamente que o olhar sobre o Brasil, tomado como a periferia do capital, diz muito sobre o processo global que já não consegue mais orquestrar tão minuciosamente os seus componentes em exitosa direção.

Para pensar o panorama cultural brasileiro, e como este foi formado, é preciso então voltar um pouco atrás e olhar para a própria formação social do país. A indicação de onde chegamos, e que lugar é esse em que estamos, ganha consistência ao se pinçar as pistas

espalhadas no trajeto já percorrido, e sobretudo com as experiências simultâneas e indissociáveis de outras nações.

Os movimentos a serem feitos tentarão nos permitir a chegada a algumas elaborações. Em primeiro lugar, como o tema da formação, ao ser uma tônica constante na produção intelectual a partir das primeiras décadas do século passado, refletia uma realidade em que o amadurecimento do capitalismo se expressava por um projeto modernizador que rondava as ideias e as relações sociais no país. A seguir, a constatação de que havíamos alcançado a formação de um sistema literário indicava que também se completara o projeto formativo nacional, e que ele não era exatamente o que se tomava como referência – o modelo dos países centrais. Por fim, como fica a ideia de formação em um tempo de desmanche globalizado, e como a cultura toma parte disso. Seguindo a provocação de Schwarz, a nossa unidade cultural ainda se mantém – e também a nós – de pé?

“Martinha está para Lucrécia como o Brasil para os países adiantados.”¹ - anotações sobre como o capitalismo se desenvolveu por aqui.

A preocupação com o conceito de formação é uma tônica constante na produção de conhecimento, *“uma obsessão importante para uma reflexão dialética do progresso histórico do país”*. (MENEGAT, 2012a: 240) Foram muitas as tentativas de elaborar uma interpretação do Brasil, a partir do modo como a sociedade foi formada, tomando suas circunstâncias constitutivas como traços explicativos das especificidades das relações sociais travadas nestas terras. A posição de pioneira é da literatura brasileira, *“que cumpriu um papel relevante na formação de um sistema de autorreflexão”*. (MENEGAT, 2012a:240) Em sequência, o trabalho foi continuado pela crítica literária, no final dos séculos XIX e XX. Após estas manifestações, a tarefa se preencheu pelos ensaios de João Nabuco e Euclides da Cunha, entremeando a geração de intérpretes do Brasil dos anos 30, formada por Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre e Caio Prado Jr.

No bojo destas análises, carregamos até hoje, em nosso imaginário coletivo, a percepção do traço de que nos constituímos como uma nação subdesenvolvida. Faz parte do modo pelo qual compreendemos a nossa formação, tomar as nações centrais como modelo de organização ideal ainda a ser alcançado. É corrente a constatação, ao ficarmos no âmbito do senso comum, se observada a maneira em geral como os brasileiros reagem ao tentarem uma comparação entre o modo de funcionamento de lá e de cá, da força da ideia romantizada

daquele primeiro mundo. Uma vez que, como suposição, completássemos o ciclo e conquistássemos lugar na alcunha de “desenvolvido”, atingiríamos o patamar de país que deu certo, exemplar. Entretanto, desta sensação comum de fracasso ou de atraso que paira no ar – ou pairava, partem duas importantes observações, chaves de interpretação que encontram significado na realidade.

A primeira delas é sobre esta característica, definidora do processo de formação social do Brasil, que é o subdesenvolvimento. O traço, ao se supor etapa, é desenhado vertendo para uma concepção de mutabilidade, o que se distancia do que de fato implica. A pressuposição de que o desenvolvimento era um estágio necessário para que se completasse o processo de formação baseou muitas interpretações e tentativas de teorização sobre o seu curso.

A herança de uma colonização operada por uma nação Ibérica, desde o início já marcava com distinção, à despeito dos outros países localizados no núcleo central europeu, com traços de patrimonialismo, autoritarismo, ausência de uma forte urbanização e, o principal deles, um fortíssimo personalismo. A cultura de personalidade incutia nos homens uma autossuficiência que se fazia obstáculo para a consolidação de laços sociais duráveis e consistentes. O processo formativo, partindo da percepção de integração social, conquista de unidade, ao ser atravessado por essas heranças de além-mar, se via dificultado e entranhado por certa falta de coesão. A formação viria a se completar com a conclusão do processo de modernização, superando tais ‘raízes’. (Holanda, 1995)

Num outro viés, esta falta de coesão seria potencializada pela inexistência de uma ligação que fosse pautada por uma perspectiva de interesse coletivo no modo de sociabilidade que se estabeleceu no país. Decorrente do modo forçado de aproximação dos grupos sociais que compuseram o povoamento no processo de colonização brasileiro, estaria concentrada em um estado de inorganicidade social a razão de ser inconclusa a formação. A ausência de um ‘nexo moral’ impedia que as relações se estabelecessem de modo a formar um todo preenchido por um impulso de coesão, que mantivesse os indivíduos coletivamente ligados. (PRADO JR, 2008)

Nestes estudos, se nota que a percepção construída sobre uma formação ainda por se completar era um traço forte presente, que permaneceu tônica de obras expressivas das primeiras décadas do século XX. A ideia tinha sua sustentação reforçada com o tardio processo de urbanização e uma industrialização incipiente ainda naquele período.

O ímpeto modernizador do país ganha força a partir da década de 30, e expande o projeto de formação nacional. O golpe e a ditadura militar coroam a ideia de que era preciso

modernizar o Brasil, e os obstáculos deveriam ser combatidos. Este momento representou o mais próximo que conseguimos chegar da chance de uma efetiva transformação social se realizar, guiada por objetivos que ampliassem as liberdades e as conquistas coletivas. A repressão fortemente atacou a efervescência cultural de resistência que florescia expressivamente no cenário da época. Deste período, herdamos além do trauma de uma possibilidade tão real ser reprimida, também a riqueza de respostas estéticas e teóricas que compõem não só referência para o que se subsequiu, como matéria para uma busca ainda atual sobre os pontos não cicatrizados².

Esse esforço por compreender o processo em curso se acentua, pelas frestas que conseguiram se manter abertas mesmo diante da ofensiva de fechamento das vias. Enquanto estudiosos se ocupam com criações teóricas capazes de pensar o Brasil, a expansão capitalista aumenta seu alcance a todo vapor. A tentativa de elucidação do fracasso da esquerda marca essa geração pela derrota de 64. O tema da formação se mantém dentro do esforço de elaborar uma interpretação do Brasil³.

O projeto modernizador e a instauração de um aprofundamento da lógica capitalista como organizadora das relações sociais caminharam juntos deste cenário político. O país chega tardiamente ao estágio de maturidade do capitalismo, coadunado com as particularidades de seu caráter periférico e de sua formação nacional. A predominância de um pensamento sustentado pela defesa de que o país precisava seguir em direção a completar o seu processo de desenvolvimento passa a dividir espaço com uma análise em que, distintamente, o subdesenvolvimento deixa de ser uma etapa a ser superada e alcança reconhecimento como traço constitutivo do modo como se deu a formação social brasileira.

O desenvolvimento que se realizou carregando a coexistência de atraso e progresso, diz sobre a própria forma de ser da periferia do capital, como parte inserida em um contexto sistêmico globalizado. O traço fundamental da presença do arcaico e do moderno também vigora para fora de seus limites internos, atravessando a disposição da relação entre centro e periferia. É parte da desigualdade presente, como elemento fundante do capitalismo, a relação entre avanço e atraso se retroalimentando. Isso quer dizer que ela é um elemento, de uma forma geral, das relações sociais em todos os seus níveis, e também tem correspondência na maneira como grandes centros da economia mundial e sociedades periféricas estão postos.

O subdesenvolvimento, assim, não se inscrevia numa cadeia de evolução que começava no mundo primitivo até alcançar, por meio de estágios sucessivos, o pleno desenvolvimento. Antes, tratou-se de uma singularidade histórica, a forma do desenvolvimento capitalista nas ex-colônias transformadas em

periferia, cuja função histórica era fornecer elementos para a acumulação de capital no centro. (OLIVEIRA, 2008:126)

Por esta leitura, é possível dizer que no Brasil, desde o início, esta dualidade marca o modo como a formação ocorre, preservando a presença dialética de elementos conservadores ao lado da modernização. Não é preciso ir muito longe para se dar conta da permanência de parte das maiores heranças do período colonial, o latifúndio e o regime escravocrata⁴, ainda hoje como traços atuais das relações sociais constituídas, do próprio modo de organização da nossa sociedade. Foi assim que o capitalismo foi implantado no país e que seu amadurecimento se realizou.

O avanço das forças produtivas, com a Terceira Revolução Industrial, “*dado pelos outros*”, completa nossa transformação num ornitorrinco. (SCHWARZ, 2008). A mundialização da ordem social capitalista se faz articulada a um avançar aprimorado da ciência aplicada ao desenvolvimento da tecnologia que, como parte de seu mecanismo em busca de criar valor, preenche a etapa da produção irrefreável de mercadorias. A expressiva aceleração do ritmo de produzir é proporcional à agilização de sua obsolescência, justificando assim a ‘necessidade’ contínua de inovação e constante produção. De cá da periferia, o atraso impede que o feito se repita como um espelho de seus modelos, não sendo possível a incorporação do processo em seu todo.

Trata-se de um quadro de acumulação truncada – cuja mecânica econômica eu não saberia avaliar – em que o país se define pelo que não é; ou seja, pela condição subdesenvolvida, que já não se aplica, e pelo modelo de acumulação, que não alcança. (SCHWARZ, 2008:15)

A teoria do subdesenvolvimento como forma acabada de ser das periferias comprova que o capitalismo não é um sistema que inexoravelmente carregue um movimento que seja impulso evolutivo. Mas, é justamente o seu contrário. O seu avanço somente se realiza sustentado pelo atraso ou prejuízo de grandes parcelas do seu todo.

A virada para um capitalismo maduro que, ao acentuar sua autocontradição, inaugura um estágio em que sua crise não promete períodos expansivos subsequentes, chega ao Brasil aprofundando os seus traços não superados, inerentes à sua forma. Ao se tornar estrutural, a crise indica que a lógica não está mais conseguindo completar o seu ciclo. Sendo assim, se expandem os obstáculos e se torna mais complexo para o capital perfazer o seu curso como antes.

Ao esbarrar em seus limites lógicos, que comprometem a sua continuidade histórica, o capitalismo acentuaria o seu potencial destrutivo a partir do agravamento de alguns de seus traços. O primeiro deles seria a tendência do capital em se concentrar em poucas mãos, sejam países, espaços territoriais ou famílias. Outro ponto é a sua inclinação à manutenção de um exército industrial de reserva, decorrente da sucessiva retirada da força de trabalho do processo produtivo. A terceira tendência seria a queda da taxa de lucro que, como resposta de contenção, destrói e descarta meios de produção e forças produtivas. A última, produzida pelas anteriores, se encontra na absoluta pauperização das classes subalternas.

O ponto é que todos esses traços tendenciais só têm se ampliado, já que o que um dia foi conquista civilizatória, alcançada durante o capitalismo, não tem encontrado saída que aponte para a superação de sua lógica autodestrutiva. Todas essas tendências são face de uma mesma moeda, e estão radicalmente interligadas. Oriundas da incapacidade do capital em continuar seu movimento de valorização plenamente, tecido insolúvelmente.

Afirmar que a raiz de sua crise está em seu próprio modo de ser acende perguntas. Se trabalho humano é a fonte absoluta criadora de valor, por meio do excedente não pago, ao automatizar o processo produtivo, então o capital perde potencial de criação de valor. Retirar máquinas e empregar força de trabalho novamente não resolveria, pois o tempo socialmente necessário para a produção não atenderia à real demanda sistêmica. Ao mesmo tempo, produzir seus meios de produção é também parte do processo. Frear o avanço tecnológico reduziria significativa parte da produção de mercadorias. As questões encaminham uma resposta que nos deixa de frente com os limites da forma de ser do sistema, e nos mostra que serem insolucionáveis é também próprio de sua essência constitutiva.

Em crise, sua acumulação fica cada vez mais restrita, os espaços que concentram a propriedade de seus frutos se tornam cada vez menores e mais cercados pela miséria que o sustenta. O acirramento da desigualdade, somado ao exponencial aumento da pobreza e de uma *“insegurança permanente das condições de vida”* (MENEGAT, 2006:118) assola, de modo geral, o planeta.

A tendência referente à formação de um exército industrial de reserva sobe no pódio e, ao se ampliar, chega ao patamar de desemprego estrutural. Isto significa que imensas massas não têm e nunca terão a chance de serem exploradas, de se submeterem a vender a única coisa que possuem, que é sua força de trabalho⁵. Conforme já assinalado por Jappe (2013), pior do que a exploração, a atual fase do capitalismo se ocupa da expulsão, de eliminar aqueles que

não servem para o processo produtivo. O que fazem esses grupos para garantirem que continuarão a viver, que existirão socialmente?

Para responder a queda da taxa de lucro decorrente da redução de emprego de trabalho vivo na produção, o capital tenta encontrar compensação produzindo uma quantidade maior de mercadorias, o que alcança com o uso da tecnologia. O acúmulo cotidiano das pequenas catástrofes empurra a corrente do rio para o colapso do planeta. Enquanto coisas são produzidas com seu descarte programado, os níveis de devastação planetário beiram o irrecuperável.

Massas que nunca serão exploradas, a fome ainda hoje como um problema real e de grandes proporções, riquezas naturais em regiões pobres sob a mira e concorrência das grandes potências, dentre tantas outras expressões de um sistema desigual onde é latente a disputa por suas migalhas. Como conter as massas pobres e inúteis para o capital e ainda potencialmente fortalecer o valor não poderia ter outra resposta que nos levasse a um caminho diferente do que por meio da violência.

É neste sentido que a violência, no capitalismo, tem sua finalidade centrada na sustentação de uma sociedade em escombros. Suas múltiplas formas, em geral, se reúnem na premissa de permitir a garantia de que, aos indivíduos cuja possibilidade de usufruírem desta forma social - dentro dos limites do que isto significa, não encontrem obstáculos. A segregação, que coloca em dois campos separados os detentores dos privilégios e aqueles que os sustentam às custas do sofrimento que os encerra, decorrente de não serem eficazes economicamente, está expressa estrategicamente de múltiplas formas.

A primeira delas, a exigência de que nossa existência esteja condicionada à nos colocarmos em relações de troca, que exige uma mediação pelo dinheiro, pressupõe que tenhamos algo a oferecer e que interesse ao sistema. Para grandes massas marginalizadas, o que dispõem como produto para troca não pode ser mais comportado pelo capitalismo, os deixando de fora e no alvo constante de respostas violentas por parte do sistema. Estas seriam alicerces a fim de conter a dissolução de sua forma. Por outro lado, presenciamos uma burguesia que convive com o genocídio dos pobres a partir de uma acentuada naturalização, que enxerga tal ataque como o que tem que ser feito. É o que Menegat vai chamar de frieza social⁶.

A percepção evidente de uma predominância de seu potencial como força destrutiva coloca a tarefa de pensar a questão da formação, e sua relação com os sentidos de cultura, sobre novas bases. Uma vez que consideramos sermos um emaranhado de aspectos truncados,

inacabados, e território em que atraso e avanço coexistem, ou seja, que é traço constitutivo do modo de ser da formação brasileira, como essa noção atravessa o tempo e a geografia mundial e seus desdobramentos se propagam para além dos limites da periferia? O que estas análises ainda têm a dizer sobre o momento atual, em que o lançar de dados do presente vem resultando no avançar da falência das expectativas de outrora? Talvez, o momento atual seja precisamente o de recolhimento das pistas, que possibilitarão um entendimento amadurecido de tanta vertigem pouco mais a frente. Estaremos ainda *“inevitavelmente fora de esquadro”*⁷, se tomarmos que o mundo globalizado inverteu o sentido e caminha hoje, mais e mais, sobre as ruínas antes contempladas somente pelas margens do capital? As *“autoidealizações da Europa adiantada”*⁸ foram sobrepostas pela matéria real que devém sua própria dissolução?

Análise estética e análise histórico-social: como o modo de formação da sociedade brasileira formou também a sua cultura e as suas práticas sociais.

Tomemos a construção de cultura elaborada pelo escritor galês Raymond Williams, justificada pelo fato de encontrarmos nela chave interessantes de aproximação a tentativas de leitura da face contemporânea do capitalismo. Destaco aqui alguns elementos que sustentam a ideia acima referida. O primeiro deles é que o exercício intelectual de Williams contem como pressuposto – e isso se expressa evidentemente em suas obras – a opção por uma investigação orientada pela perspectiva histórica. Faz isso com a elaboração dos conceitos caros ao materialismo cultural, que posteriormente desenvolveria, observando-os a partir do movimento constante em que se encontram, a realidade.

Williams (1969) tenta expor então como, antes das transformações advindas com o desenvolvimento do capitalismo, o termo cultura estava articulado ao sentido de cultivo, da natureza e do homem. *“'Cultura', antes dessas transições, era o crescimento e cuidado de colheitas e animais, e, por extensão, o crescimento e cuidado das faculdades humanas”*. (WILLIAMS, 1969:18) Ao longo do processo histórico, o termo foi adquirindo variações no seu emprego, passando de *“um estado geral ou disposição de espírito”* a *“estado geral de desenvolvimento intelectual no conjunto da sociedade”*. Posteriormente, significou *“corpo geral das artes”* e, *“mais tarde ainda, ao final do século, veio a indicar todo um sistema de vida, no seu aspecto material, intelectual e espiritual.”* (WILLIAMS, 1969:18)

Da condição não estática das relações sociais é que vai percebendo a cultura como algo que, enquanto uma das partes desse todo que é a realidade, mais do que uma dicotômica interação, se encontram dialeticamente postas como elementos fundidos, que exercem pressão e se tencionam mutuamente. Ao mesmo tempo, determinam e são determinadas. Por esse trilho, fala de cultura como práticas sociais, dando-lhe a devida posição de que é produzida no e pelo seu tempo, mas também simultaneamente o produz. Sendo prática social, processo, é a cultura então algo de todos, enquanto elemento que reúne os sentidos e significados de um determinado tempo e sociabilidade, onde suas alterações expressam o próprio fluxo de transitoriedade histórica que os concerne.

Deste modo, no Brasil, à medida que se realizava o processo de formação nacional, ia caminhando junto a constituição de uma dimensão cultural e a produção de seus sentidos e linguagens. Organizava-se no país, a partir de elementos diversos trazidos pela reunião dos grupos sociais que foram aqui fixados para o povoamento das terras brasileiras, uma cultura que correspondia ao modo como a sociedade brasileira se formava. A variedade de significados, valores e simbolismos era submetida a uma tentativa de homogeneização colocada impositivamente pelo eurocentrismo trazido pela dominação colonizadora. Deste contexto sócio histórico, marcado fortemente pelas heranças da colonização, desponta e ganha destaque a formação de nosso sistema literário.

Para um sistema literário ser considerado formado, Antonio Candido destaca a necessidade da presença de “*três elementos fundamentais da comunicação artística – autor, obra, público*”. Estes três momentos, “*indissoluvelmente ligados*”, conformariam o sentido da arte, enquanto “*sistema simbólico de comunicação inter-humana*”. Enquanto processo de comunicação, pressupõe a existência de uma parte que cumpriria o papel de comunicante, aquele que carrega e transmite a mensagem – o comunicado que, de acordo com o esquema de Candido, corresponde à obra, e, por fim, esta comunicação é direcionada a um receptor – o público. (CANDIDO, 2000)

Pois bem, o que Candido vai nos mostrar é que o nosso sistema literário já estava formado, e o surgimento de Machado de Assis seria a comprovação. Em *Formação da Literatura Brasileira*, se ocupa de realizar a recomposição do quadro histórico dos processos que se definem chave para a formação de uma literatura nacional. A asserção sobre a condição de nação significa pôr em sentido histórico, o que, segundo Schwarz, seria diferente do nosso hábito de classificar como parte do que é nacional e do seu significado o que ocorre dentro de um mesmo espaço territorial. (Schwarz, 1999)

Ao nos mostrar que o sistema literário brasileiro havia se completado, indica que também o processo formativo já acontecera. Há aí uma distinção se observadas as principais contribuições teóricas desenvolvidas sobre o tema da formação na primeira metade do século XX. Em Sergio Buarque de Holanda e Caio Prado Jr, mas não só eles, como também em Celso Furtado, a formação era um processo em movimento, cujo alcance se daria no futuro. Momento este em que, de um modo geral, resguardadas as diferenças, tomava como referência modelar as nações centrais, desenvolvidas. A formação do sistema literário se realizou em meio a uma forma de nação que tem sua característica essencial na permanência não superada dos seus traços colonizadores, a escravidão como um dos principais deles. Era a forma de ser em uma lógica sistêmica que se funda na desigualdade, onde a concentração de riquezas produzidas e o desenvolvimento pleno das forças produtivas nos padrões civilizatórios do capital não estão dados para todo o mundo.

Esse quadro de atraso, marcado por um subdesenvolvimento, permitiu o surgimento e a formação de uma literatura nacional que cumpria a exigência de existência de suas três unidades indissociáveis.

Com efeito, no caso da literatura brasileira tratava-se de historiar uma formação que já se havia completado: acompanhando o argumento do mesmo Antonio Candido, em Machado de Assis temos um escritor cuja força e peculiaridade só se explicam pela interação intensa e aprofundada entre autores, obras e público, interação que comprova em ato a existência do sistema literário amadurecido. (SCHWARZ, 1999:18)

Continuando, Schwarz sinaliza que há no livro assinalados dois movimentos importantes, que estruturam historicamente a formação do sistema literário. O primeiro deles está relacionado a presença de um caráter empenhado, *peculiarmente interessado* da nossa literatura. Este *empenho* se acentua após a Independência e faz acompanhar o movimento em curso, “*como parte do esforço de construção do país livre*”, expressando um conteúdo que era referente ao espírito de um povo em processo de modernização cunhado pela estrutura sistêmica. Um “*nacionalismo infuso*” presente na atividade literária permitiu que as experiências desenvolvidas carregassem ao mesmo tempo “*realismo e fantasia, documento e devaneio*”. (CANDIDO, 1964) Outro aspecto que marca a formação da literatura do Brasil e se pode extrair dela é um notável movimento de oscilação entre ênfase em elementos de cunho universal, que ora se volta para o âmbito das expressões mais particulares, locais. Também aqui, esta dinâmica se encontra aproximada das motivações que trazem as questões

constitutivas da realidade, como tentativa das particularidades dos temas e formas aqui desenvolvidos.

Se, deste modo, é adequado observar quão intrínseca é a maneira como formação social e literária estão articuladas, faz sentido asserir que os traços truncados de um subdesenvolvimento como forma incidem diretamente na dimensão cultural e seu movimento de *comunicação inter-humana* construído a partir de linguagens estéticas. E vice-versa, como partes indissociáveis do mesmo todo. Se a literatura traz para dentro da imaginação o conjunto das formas sociais, o movimento inverso também acontece, ao passo que o que é transmitido retorna simbolicamente elaborações e questões de seu tempo.

Assim, a obra bem-sucedida vai ser interrogada sob o signo da luta contra o subdesenvolvimento. A reflexão busca identificar nela os pontos de liga entre a invenção artística, as tendências internacionais dominantes e as constelações sociais e culturais do atraso, com as sinergias correspondentes. (SCHWARZ, 2012:18)

As décadas em que se sucederam a produção intelectual de Candido foram marcadas pelo forte impulso do projeto nacional desenvolvimentista, dando intensidade para a ideia de que o que estava em jogo era mesmo *“uma única e vasta formação nacional em curso”*. (SCHWARZ, 1999:56) Entretanto, como vimos, todo esse movimento frustrado, ao contrário, acarretou no aprofundamento dos aspectos que nos colocam como um esquema de nação inacabada, onde a soma de elementos distintos, de partes e estágios diferentes de um mesmo processo se colocam como opostos e coexistem - somos o ornitorrinco. Este, o que nos tornamos, *“uma acumulação truncada e uma sociedade desigualitária sem remissão”*. (OLIVEIRA, 2008:150)

Os sete fôlegos da cultura

Pensando no contexto mundial, vemos que o processo modernizador se realizou de maneira efetiva de um modo em que se pode afirmar como seu traço constitutivo não haver espaço para todos. Se nos atentarmos para a questão, veremos quão pequena é a quantidade de países que alcançaram a sua modernização, o que, *“indica ser esse núcleo o limite lógico de um sistema de dominação, e não o espaço de realização dos ideais da revolução”*. (MENEGAT, 2014:12) Os países centrais, que o são por terem alcançado esse restrito núcleo

avançado, coexistem, considerando o dado histórico, com as nações periféricas, aquelas para as quais é inviável se incorporarem de forma desenvolvida aos rumos do capitalismo. Ao contrário, é na desintegração que reside o modo de inserção destas sociedades no movimento de progresso do capitalismo.

Se olharmos hoje para o projeto desenvolvimentista e para a ideia de formação de antes, é perceptível que a nossa forma desintegrada faz indicação sobre uma questão que remete a uma condição de “*inviabilização global das industrializações retardatárias*” (SCHWARZ, 1999:160). Mas, além disso, é preciso compreender o que aconteceu de lá para cá e como o Brasil foi chegando ao que é hoje. Dentro dessa proposta, em meio à crise estrutural de um capitalismo amadurecido, cujos frutos mais nos colocam diante de um estado de regressão, e desmontam a promessa de progresso atrelada ao processo civilizatório, como fica então a ideia de formação hoje? Esta é a pergunta que Schwarz se faz – e, por conseguinte, também nos faz - no ensaio já referido, *Os sete fôlegos de um livro*. A questão vem seguidamente acompanhada por três hipóteses para se pensar o problema. Todas elas, de um modo geral, se encaminham no sentido de reforçar a compreensão do progresso rumo à promessa de modernidade nos moldes dos países do centro como uma ilusão que não se efetivará, pois assim é a necessidade de regulação das relações no capital. Em uma das possibilidades elencadas, nos chama a atenção para *a cultura como um elemento antibarbárie*. A longa citação está aqui reproduzida, para subseqüentemente a olharmos de forma minuciosa:

Uma é de que ela, que é também um ideal, perdeu o sentido, desqualificada pelo rumo da história. A nação não vai se formar, as suas partes vão se desligar umas das outras, o setor ‘avançado’ da sociedade brasileira já se integrou à dinâmica mais moderna da ordem internacional e deixará cair o resto. Enfim, à vista da nação que não vai se integrar, o próprio processo formativo terá sido uma miragem que a bem do realismo é melhor abandonar. Entre o que prometia e o que se cumpriu a distância é grande. Outra perspectiva possível: suponhamos que a economia deixou de empurrar em direção da integração nacional e da formação de um todo relativamente auto-regulado e auto-suficiente (aliás, ela está empurrando em direção oposta). *Se a pressão for esta, a única instância que continua dizendo que isso aqui é um todo e que é preciso lhe dar um futuro é a unidade cultural que mal ou bem se formou historicamente, e que na literatura se completou. Nessa linha, a cultura formada, que alcançou uma certa organicidade, funciona como um antídoto para a tendência dissociadora da economia. Contudo vocês não deixem de notar o idealismo dessa posição defensiva. Toda pessoa com algum tino materialista sabe que a economia está no comando e que o âmbito cultural sobretudo acompanha. Entretanto, é preciso reconhecer que nossa unidade cultural mais ou menos realizada é um elemento de antibarbárie, na medida em que diz que aqui se formou um*

todo, e que esse todo existe e faz parte interior de todos nós que nos ocupamos do assunto, e também de muitos outros que não se ocupam dele.

Outra hipótese ainda: despregado de um projeto econômico nacional, que deixou de existir em sentido forte, o desejo de formação fica esvaziado e sem dinâmica própria. Entretanto, nem por isso ele deixa de existir, sendo um elemento que pode ser utilizado no mercado das diferenças culturais, e até do turismo. A formação nacional pode ter deixado de ser uma perspectiva de realização substantiva, centrada numa certa autonomia política-econômica, mas pode não ter deixado de existir como feição histórica e de ser talvez um trunfo comercial em toda linha, no âmbito da comercialização internacional da cultura. Enfim, ao desligar-se do processo de auto-realização social e econômica do país, que incluía tarefas de relevância máxima para a humanidade, tais como a superação histórica das desigualdades coloniais, a formação não deixa de ser mercadoria. (SCHWARZ, 1999:57-58) [grifos nossos]

A elaboração de um percurso provocado pelas mencionadas hipóteses se faz a partir da compreensão do capitalismo atual e suas mazelas, aproximada da perspectiva de que este opera sob a forma da inversão, em que os homens existem e conduzem sua reprodução social em função das coisas, numa relação que estas, ao invés de por eles serem governadas, os governam, como já apontado por Marx. Em primeiro lugar, Schwarz nos sugere a ideia de que o processo formativo não passou de uma ilusão, e que hoje perdeu o sentido diante dos rumos que o amadurecimento do capitalismo levou. Assim sendo, o que há de mais avançado foi incorporado pela lógica sistêmica e o que restou fora disso se afunda. É procedente se observarmos como a globalização opera instaurando uma conexão total entre todas as partes do planeta, de modo que o que for potencial de vir a ser mercadoria seja apropriado pela lógica, e o que fica fora disso é empurrado para ser eliminado. Como defender hoje um caráter positivo, imbuído de impulso civilizador, diante do que são as grandes periferias do capital?

Se o capitalismo acentua sua crise expansiva a partir da década de 70, no Brasil, a derrocada da modernização, de lá para cá, vivenciou os impactos de sua forma colapsada aliado às particularidades formativas e ao contexto político. Os limites de seu movimento de expansão, próprios de suas autocontradições, despontam no início dos anos 80, junto com a abertura democrática que encaminhava para o fim do regime militar. Assim, sobretudo nos grandes centros do país, palco em que se vivenciou concomitantemente o fechamento sucessivo das possibilidades, diante de um histórico de urbanização desenfreada, e o aumento crescente do fluxo de concentração da população do país nestas áreas. Sob um cenário de enfraquecimento da industrialização, o que seria a resposta inversa à situação posta por este fluxo, de modo que não consegue abarcar este contingente, o que se tem então é o aumento

das taxas de desemprego a largos passos. Neste sentido, Menegat vai afirmar que “*O sistema de produção não permite as condições de realização das necessidades de contingentes crescentes da população*”. (MENEGAT, 2015:13)

A segunda hipótese de Schwarz especialmente interessa aqui, e é construída sobre o seguinte: a economia não tem mais força integradora no sentido de permanência de uma estrutura nacional, onde esta fosse autorregulada e autossuficiente. O autor então sublinha que ela – a economia – não só não mais integra, como, em direção oposta, é carregada de força dissociadora. Se a base econômica perde a sua solidez, o que nos manteria em pé enquanto formação social seria a cultura, uma vez que esta historicamente se formou. Entretanto, o reconhecimento da formação de nossa veia cultural não impede atestarmos posteriormente a sua decadência frente ao domínio do sistema. Falar da indústria cultural é olhar para o real e constatar o quanto o modo de produção capitalista é totalizador da experiência da vida social. Falar da cultura conformada ao capital significa ressaltar o esvaziamento dos significados que representam o cultivo das potencialidades humanas, para dar lugar ao exercício de indivíduos orientados pelas trocas mercantis e as suas finalidades.

Neste sentido, uma cultura que é orientada por intencionalidades escusas ao que é humano, completamente conformada por uma lógica operante que não vem apresentando qualquer sinal de ser um impulso positivo, ao invés de se constituir como um elemento anti-barbárie, participa de um movimento estrutural mais amplo que só movimenta rumo à sua constante reprodução. Importante registrar aqui que a barbárie é compreendida como a expressão própria do capitalismo, uma vez que a raiz deste só se realiza resultando em crescentes níveis destrutivos. Isto porque é uma forma sistêmica cujos limites se encontram em sua essência e, conseqüentemente, no fato de que o seu movimento infinito em busca de sempre se superar colide com os limites postos pelo real, e pelo planeta, enquanto recurso natural esgotável.

Por fim, como uma última hipótese, o esvaziamento completo do sentido de formação advém do fracasso de um projeto econômico nacional. Diante deste quadro, poderia se supor que o impulso formativo deixasse de existir, dado que perde a sua dinâmica, a sua substância. Mas, em uma sociedade fetichista, nada que seja apto escapa a se tornar mercadoria. A formação nacional se torna produto para “*ser utilizado no mercado das diferenças culturais, e até do turismo*”. Ao se desvincular de seu processo original de “*auto-realização social e econômica do país*”, o que constituía seu sentido interligado aos interesses reais da

humanidade, devém mercadoria, “*no âmbito da comercialização internacional da cultura.*” (SCHWARZ, 1999) O processo formativo como um elo perdido que, esvaziado, permitiu a integração do que potencializasse a lógica de valorização do valor, e o permanente descarte de suas sobras. Dentro do que foi integrado, estão a cultura e a formação social com uma feição comercial; distantes de seus reais significados. Esse esvaziamento de sentidos se apropria da cultura, mas elimina os seus agentes, os indivíduos que a vivenciavam como prática social.

Por esse caminho, encontramos um Schwarz mais recente, cuja tônica sobre a nossa cultura permite ver acentuada a perda de qualquer resquício idealizador, assim por ele declarado, e recrudescido quanto ao encontro com sua suposição sobre haver algum fio antibarbárie em nossa unidade cultural formada. Ele vai dizer que “*vivemos um momento em que essa ideia de sociedade, como algo circunscrito, com destino próprio, está posta em questão, para não dizer que está em decomposição*”. (SCHWARZ, 2012:292)

Em outras palavras, se a ideia de cultura que trazemos é inscrita dentro do âmbito de uma compreensão de sociedade, no caso de dissociação desta, a lógica que as indissocia desmonta também sua força de unidade, de produzir simbolicamente seus significados sem a imposição de que estes primeiro tenham que estar sujeitos ao movimento sistêmico. Em outra oportuna passagem de seu mais recente livro, a incidência da decomposição que fazemos parte e assistimos é diretamente afirmada, nos seguintes termos: “*Para quem não sabia, o progresso do capital e o progresso da sociedade podiam não coincidir*”. (SCHWARZ, 2012:178)

A ilusão de que as nações periféricas deveriam caminhar no sentido de atingir um estado de desenvolvimento concluído, aos moldes dos países centrais, foi desconstruída em Schwarz, ao se voltar a pensar o processo de formação brasileiro. No entanto, passados alguns anos, o que se observa, ao olhar para o real, é que também na Europa e América do Norte, dados os efeitos provenientes da acentuação dos limites do capital, este modelo de modernização que outrora se efetivou e foi referência para o restante do mundo, se encontra em destruição.

Assim, se invertermos a chave de interpretação da relação entre centro e periferia, que foi acionada no período expansivo do capital, na direção de tomar o centro como modelo de sociedade e espelho para o desenvolvimento dos países colonizados, como lugar que estes deveriam alcançar no futuro, chegamos a um ponto curioso. O capitalismo, ao se ver sem saída para a continuidade de ampliação, começa então a ocasionar ruínas num âmbito mais

generalizado. Isto significa que sua derrocada chega ao seu grande centro, e também o que outrora fora modelo, cunhado enquanto impulso modernizador que encontrava espaço para se desenvolver, começa a ruir. O centro, na contramão do que se supunha, demonstra que não seriam as periferias a atingirem a superação de atraso e inferioridade, mas, ao contrário, as expressões decorrentes destes é que se espalharão como regra por todo o planeta. Neste sentido,

Sobretudo o problema da cultura reflexa deixaria de ser particularmente nosso, e, de certo ângulo, em lugar da almejada europeização ou americanização da América Latina, assistiríamos à latino-americanização das culturas centrais. (SCHWARZ, 1987:36)

À possibilidade da cultura, por supostamente ainda conter certa força de unidade, significar um espaço de resistência ao processo dissociador gerado pela economia, está colocada uma contradição. A própria dimensão cultural, que é parte deste processo formativo, e por conta disso é conformada por traços que compõem os fios que organizam a vida social, também participa do movimento posto sob a forma de dominação impessoal que orienta as relações sociais e, portanto, se encontra intrinsecamente articulada aos elementos econômicos. A economia não passa de um fim em si, e tudo o que existe o faz em primeiro lugar atendendo às exigências e interesses deste processo automático ativado pela lei do valor. Nesse sentido, a cultura, como parte da sociabilidade na atualidade, o é autoconsiderando diretamente o fato de que incorpora e é incorporada aos ditames do capital.

O que nos resta hoje do que fomos

Diante do caminho que tentamos construir a partir das hipóteses levantadas por Schwarz sobre quais os ecos propagados hoje no que se refere à ideia de formação, e como a dimensão cultural está posta nela, fica evidente que a maré está para as mercadorias, e não para os peixes. A indústria cultural de fato consubstancia mercado e cultura, e isso submete esta à predominância na totalidade das relações sociais de uma lógica invertida, em que estamos sujeitos a nos desvencilharmos da possibilidade de realização das nossas potencialidades, para dar lugar a um agir operado pela troca de coisas.

Schwarz, na entrevista - *Na periferia do capitalismo*, publicada em *Martinha versus Lucrecia*, ao falar sobre a relação entre literatura e sociedade em Antonio Candido, recupera uma conhecida fórmula de Lukács, onde *o social na obra está na forma* (SCHWARZ, 2012:288). Pois, tomando este sentido, a totalizante mercantilização da sociedade indica que a forma cultural está organizada e identificada como mercadoria. Assinalar que esta é a regra geral a orientar o estado atual que dá substância às nossas relações, não implica em desconsiderar o que tem sido pensado – e tentado – como resposta. Poderíamos falar sobre os grupos teatrais que insistem em resistir por meio de uma tentativa de coletivizar todas as suas práticas, que buscam romper com uma especialização do trabalho que frequentemente acirram a fragmentação de seus fazeres.

Entretanto, a fome não tem conseguido ser a razão pela qual se garante a satisfação da mesma. Não basta sentir fome, é preciso ter dinheiro para comprar a comida. Se alimentar é mercadoria. Assim, tanto no teatro como em experiências em outros campos estéticos, que tentam criticamente olhar para o processo histórico e os significados de cultura, a forma ainda se encontra entranhada aos limites. Embora esteticamente seja possível reconhecer os grandes avanços no sentido de superar limitações que enfraqueçam a perspectiva coletiva e transformadora de uma narrativa, embora o objetivo motor destas experiências seja dissonante daquilo que move o capitalismo – que é lucrar, ainda não conseguimos nos desvencilhar do fato de que precisamos nos colocar em troca, por meio do dinheiro, para tudo. Para se produzir um filme, ou um disco, um livro, uma peça ou uma aula, precisamos de insumos que não são obtidos de outra forma a não ser por dinheiro. E a nossa reprodução não está dada como alternativa viável completamente fora desta lógica sistêmica, afora experiências residuais. O caminho para que estas experiências incipientes de uma vida pautada fora do sistema sejam transpostas a uma expansão que as configure como horizonte futuro de negação do capitalismo é uma tarefa que, posta para todos, ainda não está desvendada.

Quando falava ainda sobre nossa experiência literária da periferia, que produziu Machado de Assis e se completou, indica que o interesse de uma obra está no modo como a sua própria organização possui algum fundamento na *organização do mundo histórico*. (Schwarz, 2012) A nossa unidade cultural, hoje, só pode encontrar fundamento recuperando os fios que possam tecer um modo de organização social que seja de negação ao emaranhado presente. Nos tempos atuais, o que seria uma prática social cuja forma residisse em um projeto anticapitalista?

“A conclusão não é para ser acatada, ou melhor, é para ser desobedecida.”

Algumas considerações finais: Então... estamos mesmo perdidos?

Os dias de subir nas carruagens já eram. E os da ópera também. O festival é uma caricatura. É por isso que eu não tomo coragem de entrar na arena numa noite como essa, embora a ópera, como você sabe, signifique tudo para mim. [...] Alguém dirá que o tempo não passou, embora a história agora esteja chegando ao fim. Às vezes me parece de fato que toda a sociedade ainda está na ópera do Cairo para celebrar o progresso inexorável. (SEBALD, 2008:104-105)

Em nossos tempos, a cultura como um elemento que dá unidade e está atrelada às práticas de cultivo humano não se realiza. Para que isso estivesse em condições de acontecer, seria necessário suspender a inversão que organiza as relações sociais e reorientá-las para o que se constituísse como necessidades de realização humana. Fazer isto seria parar a lógica da sociedade de mercadorias. Ao retirar das coisas a supremacia em guiar os rumos que tomam os homens e sua reprodução social, seria possível reorganizar conexões que se formassem a partir de outras motivações. Se estas apontassem para impulsos do que é potencialidade humana, então se revestiriam de práticas que articulassem conquistas em um patamar de bem-estar coletivo e emancipação. Mas sabemos que isso não é assim tão simples e que, o caminho, longo e áspero – e principalmente, sem garantir certezas sobre a chegada ao seu destino.

Os sinais de que as coisas em algum momento deram errado já não se encontram mais a cada esquina; é preciso andar bem menos para esbarrar neles. E, à medida que se tornam elementos crônicos destes tempos, ocupam lugar na estrutura social que nos amarra. Se são traços que confirmam seu caráter dissociador, e permanentes, desenham um quadro de crise que, de cíclica, devém estrutural. E, em situações de crise, o capital se movimenta acentuando o seu processo destrutivo para gerar espaço para recriar. Aí, chegamos ao seguinte: se enquanto crise o capitalismo aciona sua dimensão destrutiva, a espera de abrir uma janela para canalizar seu fluxo posteriormente recriando, ao se tornar um elemento constitutivo do sistema, pela lógica ela se configura permanente e, como parte, seu impulso de arruinar também.

Passando para o campo da cultura, Raymond Williams, sem dúvidas, trouxe com sua arquitetura teórica, grandes conquistas no que diz respeito a dar a devida elaboração ao que a dinâmica cultural de uma sociedade poderia ser. Para ele, cultura é parte indissociável de um todo que é a vida social e, com isso, existem influências e tensionamentos mútuos e

constantes entre todas as partes que a compõe. Como constituída e produtora dessa realidade, é prática social, que contempla não só o que produz esteticamente, mas todo um modo de vida que diz respeito aos significados, valores e simbolismos de um grupo. É esse um de seus maiores trunfos, pois, ao retirar a cultura da esfera de um sensível separado, a coloca no campo das práticas, o que quer dizer andar junto e inseparavelmente com os rumos sociais.

Justamente porque a cultura é parte de uma totalidade social, é que sua forma de ser, no capitalismo maduro, se perdeu. Se ela fora cultivo das faculdades humanas, expressão artística das inquietações de um grupo circunscrito em um tempo, hoje há mudanças que questionam a validade dos significados como tradução do que é real.

Violência como alicerce, massas que sobram, refugos capturados e conformados pela produção de mercadorias são elementos que, aprofundados, dão notícias sobre traços que fundam hoje o estado de ser do capitalismo. E, quando reposicionamos a cultura em seu devido lugar, no intrínseco do cerne social, econômico e político que organizam um povo, então afirmamos que ela não pode ser mais uma promessa de alcançarmos uma sociabilidade emancipada, cultivada. Não enquanto vigorar a mercantilização como lógica absoluta sobre tudo e todos.

Assinalar que o capitalismo chegou a um estágio totalizador como ordem sobre as relações sociais leva a reconhecer que a cultura não escapa desse processo, e como não teria. Se a cultura não está em condições de tornar viável a realização do que poderia ser, e isso nos remete a considerar que esse cultivo humano não se realiza porque, sob a lógica mercantil, cultivamos as coisas e o valor delas. A imposição de uma estrutura de produção e consumo industrializada para a cultura se torna acachapante sobre as nossas experiências.

Teatro, cinema, música, televisão, rádio, mas não só eles, a produção de conhecimento e o espaço acadêmico, a literatura. Se olharmos bem, toda a produção de cultura do mundo atual está amarrada a uma lógica sobreposta a si própria. O fetichismo na cultura faz com que, no fundo, para o funcionamento da sociedade pouco importe o conteúdo ou os aspectos formais de uma obra se, antes de tudo, ela devir mercadoria. E, para os seus produtores, não há, no presente, saídas coletivas para produção e circulação de suas criações sem que estejam em parte garantindo sua própria reprodução. Neste sentido, Kurz vai apontar que:

A antítese da indústria cultural seria uma cultura para todos que se opusesse à coerção da mera repetição e internalização do princípio dominante; portanto nem uma cultura para poucos, que se mantém como mero ornamento desse princípio, nem uma cultura compensatória de terapia

ocupacional democrática, que não passa de um mecanismo de controle híbrido.¹⁰

Mas não seria ponderado não apontar que há muito os indivíduos vêm tentando elaborar respostas na arte e na cultura, como forma de tentativas de oposição e resistência ao sistema. A impessoalidade presente na forma de dominação social vigente no capitalismo faz com que, muitas vezes, não falte consciência do problema, mas não haja o encontro de saídas dele. Diante das portas cerradas, o esforço em compreender e fazer a crítica radical sobre o tempo presente é urgente e necessário. E a cultura, enquanto parte uníssona, não tem a tarefa – e ainda que tivesse, não a realizaria – de encontrar alternativas isoladas do todo tangente. A possibilidade de supressão de sua forma mercantilizada terá de vir de uma ruptura total, partindo da raiz lógica do seu modo de funcionar.

A capitulação incondicional da cultura frente aos imperativos econômicos é apenas uma parte da mercantilização cada vez mais total de todos os aspectos da vida. E não se pode colocá-la em discussão apenas no que tange à cultura sem considerar a ideia de romper com a *ditadura da economia* em todos os níveis. Não há razão nenhuma para que a cultura, e apenas ela, deva conseguir salvaguardar sua autonomia em relação à lógica pura do lucro se nenhuma outra esfera também não puder fazê-lo. (JAPPE, 2013:210)

Neste sentido, como as condições atuais não estão postas para que as tentativas em curso para a produção de um sentido diferente resultem em novos rumos, em direção a um estado anticapitalista, o seu alcance esbarra nos limites socialmente impostos e não se amplifica coletivamente. Em outras palavras, as experiências críticas deste tempo, à exigência de uma ruptura em totalidade, com “*seu terror econômico e sua forma política de administração humana*”, não tem conseguido articular respostas que substancialmente pulem fora “*da eterna água em que nada o sujeito*”, que se tornou o fetichismo do mundo moderno. (KURZ, 2010:75) O caminho pelo qual essas experiências quiçá poderão um dia se universalizar requer grandes transformações, que incidam diretamente no modo globalizado que organiza o todo sistêmico. Escalas menores de organização e produção da vida poderiam fomentar, por exemplo, relações que contemplassem espaço para a criação de novas formas de sustentação das relações sociais.

A necessidade da presença de uma negatividade nos esforços para se compreender os tempos atuais é fundamental, ao passo que o reconhecimento do fato de que capitalismo e destruição andam juntos estenda a leitura negativa para o campo de como pensar a luta e novas práticas. Insistir nisso é recuperar a raiz de uma forma social para negá-la. Essa busca

então não está na reivindicação de alterações que se traduzam em amplificação da inclusão, ou seja, o que sem romper com a forma seria mais capitalismo. “*A radicalidade se perde na ilusão do mundo da inclusão*”. (MENEGAT, 2012b)

Se a particularidade contida nas experiências de formação periféricas se universaliza, isto não pode ser compreendido como se algo tivesse fracassado. Ao contrário, apenas representa como pode ser o êxito de uma lógica sistêmica que carrega em sua radicalidade a faísca dissolutiva. Logo, a constatação de que ela deu errado não exclui seu sucesso, porque esta é a própria forma do fracasso. Um sistema que se constitui por um movimento autodestrutivo carrega paradoxalmente no seu avanço, a sua paulatina derrota. “*Assim, os meninos vendendo alho e flanela nos cruzamentos com semáforo não são a prova do atraso do país, mas de sua forma atroz de modernização.*” (SCHWARZ, 2008:23)

A cultura poderia se realizar efetivamente como a definição de Williams, e assim responderia positivamente à hipótese de Schwarz. Sim, se cultivo substancial do humano, sua potência antibarbárie estaria ativa. Mas se a tendência dissociadora da economia conforma a tudo, ao invés de ser um elemento contrário, sua forma suprema acentua a barbárie.

[...] para que a vida social ainda exista efetivamente é necessário que a cultura se volte abertamente contra as tendências dissolutivas e sirva de chão para a criação de algo novo. [...] É principalmente a forma constitutiva de um campo de escolhas das capacidades de cultivo humano que a viabilizaria nessa dimensão de um elemento antibarbárie. Para que a escolha exista é necessário que a capacidade de produzir algo diferente esteja posta como viável para o campo da ação. (MENEGAT, 2014:20)

Se este chão vai servir para que brote algo novo, não se sabe. Continuemos a elaborar o preparo da terra.

Referências bibliográficas

ADORNO, T. *A indústria cultural – o Iluminismo como mistificação das massas*. In: *Indústria Cultural e Sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CANDIDO, A. *Formação da Literatura Brasileira*. São Paulo: Martins Fontes, 1964. (Volumes 1 e 2)

_____. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: T.A. Queiroz, 2000; Publifolha, 2000. (Grandes nomes do pensamento brasileiro).

COSTA, I. C. *A hora do teatro épico no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal/Paz e Terra, 1996.

HOLANDA, S. B. *Raízes do Brasil*. 26ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JAPPE, A. O gato, o rato, a cultura e a economia. In: *Crédito à morte: a decomposição do capitalismo e suas críticas*. São Paulo: Hedra, 2013.

KURZ, R. *INDÚSTRIA CULTURAL NO SÉCULO XXI*: Sobre a actualidade da concepção de Adorno e Horkheimer. Disponível em <http://www.obeco-online.org/rkurz406.htm> Acesso em: 05/01/2018.

_____. Razão sangrenta: vinte teses contra o assim chamado Esclarecimento e os ‘valores ocidentais’. In: *Razão sangrenta: Ensaio sobre a crítica emancipatória da modernidade capitalista e seus valores ocidentais*. São Paulo: Hedra, 2010.

MARX, K. *Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política*; tradução: Mario Duayer. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2011.

_____. *O Capital: Crítica da economia política*. Tomo 1, v. 1 São Paulo: Abril Cultural, 1983.

MENEGAT, M. *Estudos sobre ruínas*. Rio de Janeiro: Revan: Instituto Carioca de Criminologia, 2012a.

_____. *Notas de aula – curso: Estudos de crítica da sociedade contemporânea a partir da crítica do fetichismo*. Rio de Janeiro: Programa de Pós-graduação em Serviço Social da Escola de Serviço Social (PPGSS/ESS) – UFRJ, 2014.

_____. *Notas de aula – curso: Tópicos especiais sobre a crise*. Rio de Janeiro: Programa de Pós-graduação em Serviço Social da Escola de Serviço Social (PPGSS/ESS) – UFRJ, 2012b.

_____. O fim da gestão da barbárie. *Territórios Transversais*, publicação do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto, edição nº 3, 2015.

_____. *O olho da barbárie*. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

_____. Prefácio: A crítica do valor bate à sua porta. In: *Até o último homem: visões cariocas da administração armada da vida social*. Organizadores: Felipe Brito e Pedro Rocha de Oliveira. São Paulo: Boitempo, 2013.

OLIVEIRA, F. *Crítica à razão dualista/ O ornitorrinco*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

SEBALD, W. G. *Vertigem: sensações*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SCHWARZ, R. *Martinha versus Lucrecia: ensaios e entrevistas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. *Seqüências brasileiras: ensaios*. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

WILLIAMS, R. *Cultura e sociedade: 1780 – 1950*. São Paulo: Comp. Ed. Nacional, 1969.

_____ . *Resources of hope*. Ed. Robin Gable. London, Verso. 1989

Notas

¹ SCHWARZ, Roberto. *Martinha versus* Lucrécia. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 40.

² Em estudos anteriores, minha pesquisa estava orientada para a tentativa de pensar as possibilidades de representação estética da realidade, especialmente o teatro político. Nela busquei referência sobre as experiências teatrais a partir da década de 50, marco de início de um processo de renovação no teatro brasileiro. Em cena, o novo conteúdo refletia o real movimento em curso, organizado por pautas que buscavam a garantia de condições mais justas de vida. A renovação do tema exigia a experimentação e a criação de novas formas, que superassem a forma do drama, diante da dimensão coletiva pressuposta pelas questões encenadas. A montagem que inaugura essa busca criativa é o texto *Eles não usam black-tie*, de Gianfrancesco Guarnieri, encenada em 1956. O problema da greve, segundo Iná Camargo Costa (1996), posto por um viés cujo alcance ficava restrito ao conflito individual, ou seja, dramático, sintetizou o problema de que era preciso ir atrás de novas formas. Suas influências vieram do teatro épico de Brecht, da forma *agit-prop*. Daí, muitas iniciativas surgiram, sobretudo no sentido da construção de uma dramaturgia nacional. Destaca-se nesse momento a criação do Teatro de Arena, por Augusto Boal, que posteriormente desenvolveu a linguagem do Teatro do Oprimido, em curso até hoje. Para um olhar mais detalhado sobre este campo, a minha dissertação se intitula: *Poderá ser o mundo representado através do teatro? – Algumas experiências brasileiras* (PPGSSUFRJ – 2011). Além da pesquisa desenvolvida no trabalho, há uma vasta indicação de referências, que foram utilizadas no mesmo.

³ Os principais autores a que me refiro aqui, e que venho tomando como referência para a tentativa de compreender o nosso tempo e quem somos, com ênfase na dimensão cultural, são compreendidos fundamentalmente por Roberto Schwarz, Paulo Arantes, Carlos Nelson Coutinho e Chico de Oliveira. Todos eles, salvo diferenças, se reúnem pelo esforço comum de tentar interpretar o Brasil e elaboraram – e o vem fazendo - ideias e um conjunto de obras que muito nos ajudam a compreender o nosso passado recente e, conseqüentemente, os nós que amarram nossas particularidades ao esquema global do sistema capitalista.

⁴ Divulgação de lista atualizada com 250 empregadores autuados por serem flagrados em situação de trabalho escravo contemporâneo, no período compreendido entre dezembro de 2014 e dezembro de 2016: <http://reporterbrasil.org.br/2017/03/lista-de-transparencia-traz-250-nomes-flagrados-por-trabalho-escravo/>

A matéria informa que o documento foi obtido através da Lei de Acesso à Informação (LAI), sob resistência do Ministério do Trabalho em publicizar os dados dos empregadores flagrados pelo crime. A lista se encontra disponível em: <http://reporterbrasil.org.br/wp-content/uploads/2017/03/Lista-de-Transpar%C3%Aancia-dez2014-2016.pdf> (Último acesso: 14-03-2017)

⁵ De acordo com o último relatório da Organização Internacional do Trabalho (OIT), em 2017 o índice de desemprego mundial aumentará de 5,7% para 5,8%, o que representa um crescimento de 3,4 milhões de pessoas sem emprego. No Brasil, neste ano, mais 1,2 milhões de pessoas ficarão desempregadas, o que, somados aos 12,4 milhões atuais, totalizará uma massa de 13,6 milhões. O relatório também chama a atenção para o dado de que 42%, ou seja, 1,4 bilhão de pessoas estão expostas a formas de trabalho classificadas como vulneráveis. http://www.ilo.org/global/research/global-reports/weso/2017/WCMS_540901/lang--pt/index.htm (Último acesso: 20-02-2017)

⁶ Resgatamos aqui dois momentos em que o autor vai falar sobre a ‘frieza social’. Em *A guerra civil no Brasil*, o autor vai dizer que: “*Nas metrópoles dos países periféricos, essa segregação é uma estratégia tanto de frieza social, requerida para a naturalização da relação violenta com as classes subalternas, quanto de garantia do*

usufruto dos bens provenientes da superexploração que caracteriza essas sociedades dentro do regime de concorrência mundial.” (MENEGAT, 2006:103) No artigo *Sem lenço nem aceno de adeus [Formação de massas em tempo de barbárie: como a esquerda social pode enfrentar esta questão?]*, temos o seguinte trecho: *“Esta condição determina o comportamento da burguesia: o seu descompromisso autoritário com as necessidades coletivas das sociedades nacionais de onde se originaram; o privilégio dado ao interesse financeiro, levando-a a sustentar estupidamente as consequências anti-sociais destas suas ações; a sua frieza social amesquinhadora que a torna abertamente cruel, realizando como algo natural e inevitável a contenção da pobreza por meio da criminalização dos pobres, cujo resultado é o genocídio das “massas sobrantes” neste novo arranjo social; além do discurso ideológico medíocre, porém agressivo e insistente, com que sufoca toda forma de oposição e pensamento crítico.*” (MENEGAT, 2012:35-36) Esta ideia de uma frieza social, tão presente em nosso modo de vida individualista e competitivo, pode ser pensada como um elemento presente na relação com a possibilidade de que não haja a permanência de uma unidade cultural.

⁷ No ensaio *Leituras em competição*, Roberto Schwarz (2012) retoma seu projeto central sobre a compreensão da literatura de Machado de Assis e seus caminhos sobre a sociedade brasileira. Por meio do contraponto entre a recepção da obra machadiana no contexto local e pela crítica internacional, repõe questões sobre a relação entre a formação da nacionalidade brasileira e o universal, tomado pelo modelo dos grandes centros, onde se regulam pela marca do moderno e do avanço.

⁸ Op. cit.

⁹ Schwarz, 2012, p. 33.

¹⁰ KURZ, Robert. A INDÚSTRIA CULTURAL NO SÉCULO XXI: Sobre a actualidade da concepção de Adorno e Horkheimer. Disponível em <http://www.obeco-online.org/rkurz406.htm> Acesso em: 05/01/2018.

